

Educação cristã: reflexões sobre práticas contemporâneas¹

Christian Education: Reflections on Contemporary Practices

Laude Erandi Brandenburg²
Marilze Wischral Rodrigues³

Resumo: A educação cristã, desde suas origens no catecumenato, configura-se como um processo formativo integral, centrado na vivência comunitária, na ética e na espiritualidade. Inspirada na *paideia* grega, visava moldar o caráter e a fé dos iniciantes, culminando no Batismo. No período patrístico, pensadores como Agostinho destacaram a interioridade e a catequese como método pedagógico. Na Idade Média, a escolástica conciliou fé e razão, com Tomás de Aquino como principal expoente. A Reforma Protestante ampliou o acesso à educação, enfatizando a leitura bíblica e o papel da família, com Lutero e Calvino defendendo uma formação universal e humanista. Do século XVII ao XX, o Iluminismo criticou a educação cristã por limitar a razão e a liberdade, propondo uma educação laica e estatal. Contudo, em regiões reformadas, a fé cristã dialogou com a razão, mantendo sua influência ética. Nas Américas, a educação cristã expandiu-se com a colonização, marcada pela catequese indígena e ensino religioso. No século XIX, escolas confessionais cresceram, e no século XX, a educação cristã incorporou ciência, cidadania e direitos humanos. As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), ligadas à Teologia da Libertação, promoveram educação popular e crítica, fortalecendo a fé como instrumento de justiça social. As Escolas Dominicais e a Missão Integral consolidaram a educação cristã evangélica, integrando ensino bíblico, formação de caráter e ação social. Influenciada por Paulo Freire, a educação cristã atual valoriza o diálogo entre fé e realidade. A aprendizagem cristã é contínua, relacional e transformadora, envolvendo cognição, afetividade e atitude, formando pessoas seguidoras de Jesus e comprometidas com o Evangelho e com a transformação da sociedade.

Palavras-chave: Educação Cristã. Formação integral. Discipulado. Transformação. Fé e realidade.

Abstract: Christian education, since its origins in the catechumenate, has been configured as a holistic formative process centered on community life, ethics, and spirituality. Inspired by Greek *paideia*, it aimed to shape the character and faith of beginners, culminating in Baptism. In the Patristic period, thinkers such as Augustine emphasized interiority and catechesis as a pedagogical method. In the Middle Ages, Scholasticism reconciled faith and reason, with Thomas Aquinas as its main exponent. The Protestant

¹ Este artigo foi recebido em 12 de julho de 2025 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 30 de junho de 2025.

² Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1981) e doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2002). Atualmente é professora titular da Faculdades EST. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino Religioso, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino religioso, educação cristã, fundamentos epistemológicos do ensino religioso, educação-teologia e educação, docência no Ensino Superior.

³ Possui graduação em Letras pela Fundação Educacional da Região de Joinville (1985); especialização em Interdisciplinariedade pelo IBPEX/UNIVILLE (2001); mestrado em Teologia, com ênfase em Educação Comunitária, pelo IEPG/EST (2007); especialização em Estudos Avançados em Teologia e Bíblia, pela FLT (2010); e doutorado em Teologia, pelo PPG/EST (2019). Atualmente é professora titular da Faculdade Luterana de Teologia. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Educação Cristã, atuando principalmente nos seguintes temas: educação cristã contínua, metodologia da pesquisa, formação contínua e formação de adultos.

Reformation expanded access to education, emphasizing Bible reading and the role of the family, with Luther and Calvin advocating for a universal and humanistic formation. From the 17th to the 20th century, the Enlightenment criticized Christian education for limiting reason and freedom, proposing a secular and state-run education. However, in Reformed regions, Christian faith engaged in dialogue with reason, maintaining its ethical influence. In the Americas, Christian education expanded with colonization, marked by Indigenous catechesis and religious instruction. In the 19th century, confessional schools grew, and in the 20th century, Christian education incorporated science, citizenship, and human rights. The *Comunidades Eclesiais de Base* (CEBs), linked to Liberation Theology, promoted popular and critical education, strengthening faith as a tool for social justice. Sunday Schools and Integral Mission consolidated evangelical Christian education by integrating biblical teaching, character formation, and social action. Influenced by Paulo Freire, contemporary Christian education values the dialogue between faith and reality. Christian learning is continuous, relational, and transformative, involving cognition, affectivity, and attitude, forming followers of Jesus committed to the Gospel and the transformation of society.

Keywords: Christian education. Holistic formation. Discipleship. Transformation. Faith and reality.

Introdução

No mundo pós-moderno e em constante processo de descristianização, é importante refletir sobre a relevância da Educação Cristã, suas teorias e práticas, tanto no espaço eclesial quanto fora dos limites das igrejas, para dentro da sociedade em que se encontram inseridas. Mesmo que muito já tenha sido escrito sobre o papel educativo da igreja, é importante retomar a reflexão sobre a competência da Educação Cristã e seus possíveis impactos na sociedade. O ambiente acadêmico é o *locus* que pode promover essa reflexão de forma associada com as instituições envolvidas com o assunto.

Uma igreja que procura ser relevante na sociedade tem como tarefa desenvolver uma Educação Cristã de excelência que auxilie na formação integral, na perspectiva da fé, das pessoas que dela participam. Uma Educação Cristã consistente e saudável auxiliará na edificação e revitalização das comunidades cristãs, tornando-as influentes no lugar onde se encontram na sociedade, quer nos grandes centros urbanos, quer nos rincões do país.

A Educação Cristã está presente no mundo globalizado, o que abre o leque de possibilidades para a construção de uma visão mais ampla e contextualizada do seu propósito e atuação. Na interface da teologia com a pedagogia, é significativo perguntar pelos referenciais históricos e teóricos que fundamentam a prática educativa cristã, que vá além da iniciação na fé, e que desperte e desafie à vivência diária na perspectiva da fé cristã, ao longo da vida. Buscar essa reflexão sobre a fundamentação, as práticas, as problemáticas e os possíveis impactos da Educação no mundo das igrejas cristãs é o objetivo dessa abordagem.

Buscando marcadores na história da igreja

No início da história da igreja, a prática de acompanhar as pessoas que se aproximavam e buscavam o conhecimento da fé em Jesus Cristo se chamava catecumenato. Também era conhecido como mistagogia que é o processo de introdução e aprofundamento nos mistérios da fé, especialmente na iniciação cristã, quando as pessoas eram guiadas para compreender e viver o significado da liturgia e dos sacramentos. Era um tempo de reflexão e amadurecimento, um convite à oração e à participação da vida comunitária para poder expressar a fé.

Dento da Tradição Apostólica tem-se a descrição de duas etapas do catecumenato. A primeira consistia no catecumenato propriamente dito e requeria que uma pessoa apadrinhasse o processo e, assim, iniciava uma espécie de candidatura. Uma vez aprovada, a pessoa passava a ser uma catecúmena. Suas principais atividades eram cuidar de pessoas pobres e necessitadas, participar das celebrações comunitárias e de reuniões de instrução. O conteúdo compunha-se por aprendizagem e vivência da fé e na conduta ética. Já a segunda etapa fundamentava-se num tempo de preparo para a celebração do Batismo, composto por exorcismos diários, instruções sobre o Evangelho, imposição de mãos, jejuns, orações e vigílias. E então o Batismo, como ápice do processo, selava o catecumenato (KAUMBACH, 2006. p. 21-2).

É importante para que a fé não seja apenas informativa, mas também transformadora. Por isso, o acento desse processo era, conforme Kalmbach (2006, p. 22):

uma clara predominância da prática e vivência das virtudes cristãs como forma de preparação para a vida cristã, como fonte de conhecimento e como maneira de apropriar-se do significado do batismo e ir construindo o que isso significa para a vida cotidiana. Não importava tanto o conhecimento abstrato e instrutivo, e sim a vida de participação cristã na comunidade e no mundo.

Só no fim do primeiro século, esta prática recebeu o nome de educação cristã, que se desenvolveu ao longo da história da igreja.

A educação cristã teve início no período apostólico, com Jesus ensinando por meio da convivência com seus discípulos — uma prática semelhante ao modelo grego de formação entre mestre e aprendiz. A fé era vivida no cotidiano e ensinada nas famílias e nas comunidades, sem livros didáticos, mas com muita prática e testemunho. Segundo Jaeger (2001, p. 20), esse ideal formativo se conectava à paideia, que buscava “a formação moral e espiritual do indivíduo”, sendo retomado na vivência cristã como formação do caráter pela fé.

No período patrístico, até o século V, com pensadores como Santo Agostinho e São Jerônimo, a catequese passou a ser reconhecida como método pedagógico central. Agostinho (1980, p. 11) afirmava: “Ninguém pode ser verdadeiro mestre se não for discípulo da Verdade”, reforçando o valor da interioridade no processo educativo.

Esses dois períodos se entrelaçam numa busca pela formação integral — mente, alma e conduta. A influência da filosofia greco-romana, com seu foco na ética e na verdade, deu sustentação teórica à educação cristã, que passou a unir razão e espiritualidade. Levi Leonido Fernandes da Silva (2023, p. 1–20) resume essa síntese ao afirmar: “A Patrística elevou a catequese à condição de estrutura educacional que visava a transformação do ser humano segundo o modelo de Cristo”.

Na Idade Média, entre os séculos V e XV, a Igreja era a principal instituição educadora, com escolas monásticas e catedrais, em que a Bíblia era central, mas o ensino tinha o objetivo de formar o clero e as elites, preservando o saber clássico. A escolástica foi uma abordagem pedagógica e argumentativa que buscava conciliar fé e razão, utilizando a lógica e a dialética para aprofundar o conhecimento teológico e filosófico. Essa perspectiva é sintetizada por São Tomás de Aquino (2001, p. 148), principal expoente da escolástica, ao afirmar: “A fé não destrói a razão, mas a aperfeiçoa”. Esse pensamento expressa o esforço intelectual da época em integrar os saberes filosóficos herdados da Antiguidade com a revelação cristã, formando uma base sólida para o ensino teológico nas instituições medievais.

No século XVI, com a Reforma Protestante, principalmente Lutero e Calvino defenderam a educação universal e a leitura da Bíblia por todas as pessoas. As escolas vinculadas ao movimento da Reforma surgiram com currículo bíblico e humanista. A alfabetização como meio de acesso à fé começou a ser valorizada pela educação cristã e a responsabilidade das famílias sobre a educação das crianças recebeu maior ênfase. Lutero afirmava com veemência: “De que valeria se, no mais, tivéssemos e fizéssemos tudo e fôssemos todos santos, mas deixássemos de fazer aquilo que é a razão principal de nossa existência: a educação da juventude?” (Obras Seleccionadas, 1995, v. 3. p. 307). Já Calvino (2006, v. 1. p. 185), ao refletir sobre o papel da instrução, reconhecia: “Por mais que esteja caído e degenerado de sua integridade e perfeição, [o ser humano] não deixa de estar ainda adornado e enriquecido com excelentes dons de Deus”, destacando o valor da educação como meio de restaurar a dignidade humana. Até então, Deus e a Igreja eram as autoridades sobre

a vida em sociedade, mas a Reforma trouxe novos horizontes para o papel da família e do Estado na formação dos indivíduos.

Dos séculos XVII a XVIII, surgiu o movimento iluminista que promoveu a autonomia do pensamento, a ciência e a razão, e criticou a educação cristã por limitar o desenvolvimento da razão e da liberdade individual. A educação cristã, centrada na revelação de Deus e na tradição da Igreja, era um obstáculo ao pensamento crítico. A influência da Igreja sobre currículos escolares e a censura de ideias contrárias a seus ensinamentos foram denunciadas como forma de manter as pessoas ignorantes. Diante deste contexto, o iluminismo propôs uma educação laica e universal, ou seja, desvinculada de qualquer religião ou doutrina espiritual e promovida pelo Estado, com base em princípios racionais, científicos e democráticos. Como afirmou Kant (2003, p. 11), um dos principais pensadores iluministas: “O esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado”, destacando a importância da autonomia intelectual como fundamento da educação. Este movimento promoveu a separação entre Igreja e Estado e, com isso, a criação de sistemas escolares públicos. Mas a influência cristã permaneceu em muitos currículos, sendo que, em regiões alcançadas pela Reforma, a fé cristã dialogou com o pensamento racional, promoveu educação ética, reflexiva, comprometida com a formação integral.

Na Era das Explorações ou Expansão Marítima Europeia, além do movimento da educação cristã na linha do tempo, ela também se deslocou no espaço geográfico, da Europa para as Américas. Na América do Norte, a educação cristã aconteceu sob influência, principalmente, dos colonos protestantes e evangélicos. Enquanto na América do Sul, foi preponderante a presença da Igreja Católica e depois os movimentos missionários evangélicos.

De 1500 a 1800, o período é caracterizado pela educação colonial e evangelização, iniciada com os jesuítas, franciscanos e outras ordens religiosas e as escolas eram ligadas a conventos e catedrais. O principal objetivo era a catequese dos indígenas e a formação de líderes religiosos, com ensino de latim, doutrina cristã e artes. Como observa Fernando de Azevedo (1996, p. 495): “A educação no Brasil começou com os jesuítas, que vieram catequizar os índios e ensinar os filhos dos colonos, com um ensino centrado na doutrina cristã, no latim e nas artes liberais”, evidenciando a estreita relação entre evangelização e instrução formal na formação da cultura colonial.

O período de 1800 a 1900 é marcado por conflitos e transformações. Com os movimentos de independência e o avanço do liberalismo, Igreja e Estado lutavam pelo controle da educação.

Os colégios confessionais católicos e protestantes se expandiram, oferecendo ensino com base cristã e currículo moderno. O papel da educação como meio de transformação pessoal e comunitária foi reforçado pelo pietismo alemão, que valorizava a vida devocional e a instrução bíblica. Como afirmou August Hermann Francke (1961, p. 212), um dos principais líderes pietistas: “Jesus Cristo devia ser o começo, o meio e o fim dos estudos reais e humanitários”, evidenciando a centralidade da fé na proposta pedagógica. Suas escolas focavam na espiritualidade e ética cristã, promovendo uma formação integral.

Além disso, igrejas locais organizaram suas próprias escolas para preservar valores cristãos, fortalecendo a identidade religiosa e a autonomia pedagógica das comunidades cristãs, diante da influência crescente de outros modelos educacionais. Como destaca Jane Soares de Almeida (2002, p. 11), ao analisar o movimento educacional protestante no Brasil: “Para cada igreja, uma escola: essa era a lógica que orientava a ação missionária e educacional protestante na segunda metade do século XIX”, revelando o compromisso das comunidades com a formação ética e intelectual de seus membros.

No século passado, a educação cristã dialogou com os desafios da modernidade, como o pluralismo, a ciência e os direitos humanos. As escolas cristãs começam a apresentar currículos mais amplos, incluindo ciências, artes e ética social. Igrejas católicas e evangélicas expandiram seus objetivos para desenvolver formação espiritual e cidadania. Especialmente na América Latina, na segunda metade do século passado, a educação era vista como via adequada para a libertação sociocultural, para a conscientização, por meio da ação educacional libertadora, participativa, crítica e transformadora. Como afirma Paulo Freire (2021, p. 67), “a educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”, destacando o papel da formação crítica e ética como instrumento de mudança social e espiritual.

Fortemente vinculadas à Teologia da Libertação, principalmente na igreja católica, a partir de 1960, surgiram as CEBs, Comunidades Eclesiais de Base, voltadas para a formação de cristãos adultos na fé. Promovem até hoje uma educação cristã dialógica, libertadora e contextualizada, inspirada no método ver, julgar, agir. Promovem a leitura bíblica comunitária, em que o estudo da Bíblia é incentivado em pequenos grupos de pessoas, relacionando a Palavra de Deus com a realidade social, fortalecendo a consciência crítica e espiritual. Atuaram como espaços de educação popular e cidadania, promovendo alfabetização, formação política e dignidade humana. Como

afirma Leonardo Boff (2009, p. 14), “A libertação começa quando os pobres tomam a palavra, quando descobrem que são sujeitos da própria história”, revelando o papel transformador das CEBs como expressão concreta da fé encarnada na realidade latino-americana.

Outra influência marcante para a educação cristã foram as Escolas Dominicais, no meio evangélico. São instituições de ensino bíblico para todas as faixas etárias, na forma de educação cristã sistemática. Seu objetivo principal é ensinar a Bíblia, formar discípulos e fortalecer a fé das pessoas participantes. Inicialmente, ensinavam leitura, escrita e princípios cristãos aos domingos e, posteriormente, tornaram-se ferramenta de evangelização e alfabetização. É considerado o maior projeto de estudo bíblico contínuo, com promoção de estudo sistemático das Escrituras, das doutrinas cristãs e aplicação prática; desenvolvimento da formação de caráter, com ênfase em valores; desenvolvimento de lideranças; e, ambiente comunitário, promovendo comunhão, discipulado e crescimento espiritual coletivo. Como destaca Alderi Souza de Matos (2003): “Durante o século XX, a Escola Dominical tornou-se a principal agência de educação cristã nas igrejas evangélicas brasileiras, contribuindo decisivamente para a formação bíblica e doutrinária de seus membros”, evidenciando sua relevância histórica e pedagógica.

A educação cristã também recebeu influência do movimento da Missão Integral, iniciado na década de 1970, com o impulso do Pacto de Lausanne, em 1974, que diz respeito à missão e à responsabilidade social da Igreja, e entende a missão cristã voltada para o ser humano em todas as suas dimensões – espiritual, social, física, emocional e cultural. Suas principais características são: a. a missão busca transformar a vida completa do ser humano, incluindo ações concretas de justiça, compaixão e promoção de dignidade humana; b. a integração entre evangelização e ação social como expressões inseparáveis do amor de Deus; c. a proclamação da fé, acompanhada de compromisso com os pobres, oprimidos e marginalizados; d. a fundamentação bíblica e cristocêntrica, na vida e no ministério de Jesus, que curava, ensinava e libertava; e. a comunidade local é agente de transformação, estimulando o protagonismo dos leigos e a formação de comunidades engajadas na realidade social; f. a missão dialoga com a cultura local, respeitando suas expressões e necessidades, buscando encarnar o evangelho em cada contexto. Nesse sentido, René Padilla (1984, p. 314) afirma: “A missão da igreja não pode ser reduzida à evangelização. Ela inclui o testemunho por meio da ação social e política, como expressão do senhorio de Jesus Cristo sobre toda a vida.”

Dos primórdios aos desafios na atualidade

No Brasil, as contribuições de Paulo Freire são significativas para reinstaurar o diálogo entre pedagogia e teologia. Na educação cristã atual, propor a “leitura do mundo” antes da “leitura da palavra” reforça a ideia de que o estudo bíblico só faz sentido quando nasce da realidade concreta dos alunos. Líderes de ministérios e docentes de teologia têm seguido Freire ao criar espaços de diálogo em que a Escritura se entrelaça com as histórias de vida, reconhecendo que “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000). Esse enfoque dialógico transcende o mero repasse de conteúdo e convida à co-construção do conhecimento, celebrando tanto a experiência comunitária quanto o mandato de justiça do Evangelho.

Além disso, a proposta de uma educação popular, contextualizada e libertária inspira práticas como grupos de reflexão bíblica nas periferias, escolas dominicais críticas e projetos de alfabetização pastoral. Nessas iniciativas, a hermenêutica bíblica funciona como **um** exercício de empoderamento: os participantes analisam passagens sagradas à luz de seus desafios sociais e entram em ação coletiva. Assim, a educação cristã contemporânea – influenciada por Paulo Freire – se firma como um caminho para formar pessoas críticas, comprometidas com a transformação integral da pessoa e da comunidade no seguimento ao evangelho.

A educação cristã flui como um rio que banha territórios culturais diversos — da metrópole vibrante ao vilarejo sereno — e se firma como agente poderoso de mudança social e cultural. Mais do que transmitir conteúdo, esse ministério mantém vivo o Corpo de Cristo, nutrindo a unidade dos fiéis enquanto provoca transformações profundas em hábitos, valores e relações. É na vida concreta dos membros que a fé se encarna, reformulando imaginários e práticas à luz do Evangelho. E, a partir desse solo comunitário, a igreja se lança ao mundo, levando a presença de Cristo para a sociedade da qual faz parte, plantando sementes de justiça, compaixão e esperança.

É nesse campo fértil de comunhão e transformação que emerge a proposta de uma aprendizagem integral na fé, partindo do pressuposto de que crer não é um ato isolado, mas o entrelaçar contínuo de pensar, sentir e agir à luz do Evangelho.

Nesse cenário, a formação do ser humano “diz respeito a um processo contínuo na vida, onde a prática educativa cristã holística promove a aprendizagem integral que envolve

desenvolvimento cognitivo, afetivo e atitudinal” (RODRIGUES, 2019a, p. 10). Ou seja, a fé se reveste de conhecimento profundo, emoções amadurecidas e atitudes transformadoras, configurando-se como um viver que não se limita a conhecimentos teóricos.

Para que essa aprendizagem seja significativa, ela deve nascer do contexto real de cada pessoa. Não basta estudar doutrinas; é preciso relacionar as narrativas bíblicas ao cotidiano — às crises familiares, às tensões econômicas, aos anseios de justiça. É nesse enlace entre a palavra sagrada e a vida concreta que as lições de Jesus Cristo ganham ressonância, despertando no discípulo sentido e propósito, em plena sintonia com o que Rodrigues (RODRIGUES, 2019a, p. 35) identifica como “vínculo entre fé e vida”.

E essa dinâmica de construção de sentido não tem fim: a aprendizagem na fé é contínua. Cada fase da existência — da infância à velhice — requer novos olhares, novas perguntas e novos gestos de compaixão. A igreja, nessa lógica, torna-se espaço de práticas formativas permanentes, cultivando o sacerdócio universal ao longo de toda a vida e reafirmando que a fé amadurece na medida em que se coloca em diálogo com cada etapa humana.

Por fim, a aprendizagem integral, significativa e contínua na fé só existe quando abraça a totalidade da pessoa: seus anseios intelectuais, suas angústias emocionais e suas posturas diante do mundo. É essa visão holística que faz da educação cristã um agente de transformação: não apenas de mentes, mas de corações e de ações, restaurando indivíduos e renovando comunidades.

Na visão de Rodrigues (2019a), a aprendizagem integral na fé assume o ser humano em sua totalidade, reconhecendo que mente, coração e atitudes não podem ser fragmentados em compartimentos estanques. Ela se firma como um processo que articula desenvolvimento cognitivo, afetivo e atitudinal, promovendo um amadurecimento que vai além do simples acúmulo de informações e alcança a transformação de valores, emoções e comportamentos (RODRIGUES, 2019a, p. 58).

Essa formação sempre parte de perguntas concretas e periféricas do cotidiano existencial: a dor de quem vive à margem, as necessidades não atendidas, os silêncios que clamam por voz. Em cada contexto — seja a luta por dignidade nos bairros urbanos, seja o testemunho de fé em comunidades rurais —, a prática educativa cristã constrói pontes entre desafios reais e os ensinamentos de Jesus, oferecendo respostas que nascem da vida mesma (RODRIGUES, 2019a, p. 112).

No encontro íntimo, a aprendizagem toca a essência do ser humano. Como fio condutor das relações educacionais em fé cristã, esse diálogo profundo se revela na prática de escuta, na partilha de experiências e no acolhimento mútuo. É na confiança entre educador e discípulo que se desenha o cuidado pastoral e pedagógico, um intercâmbio que revela o caráter formativo das palavras e dos gestos à luz do Evangelho (RODRIGUES, 2019a, p. 134).

O episódio de João 4.1-30.39, em que Jesus encontra a mulher samaritana junto ao poço, exemplifica esse modelo de aprendizagem integral. Partindo de uma necessidade básica — a sede —, Ele promove um ensino que abarca dimensões sociais (o preconceito entre judeus e samaritanos), emocionais (o peso da rejeição) e espirituais (a oferta da água viva). A partir desse diálogo íntimo, a prática educativa na fé se revela capaz de gerar transformação pessoal e comunitária, reafirmando o chamado ao Corpo de Cristo para viver a fé em todas as suas facetas.

Para Rodrigues (2019a, p. 78), a fé é sempre um ato e uma atitude: uma resposta íntima, integral e incondicional que se estabelece numa relação viva com Deus e com o próximo. Não é um mero assentimento intelectual, mas um gesto existencial que mobiliza toda a pessoa, abrindo-lhe o coração para acolher a presença de Cristo como fonte de sentido e de força para a vida diária.

Essa resposta brota do centro mais primordial do ser humano, do núcleo onde se cruzam vontade, desejo e memória. É ali que a fé se aninha como uma semente capaz de germinar em solo árido, impulsionando cada decisão, cada sentimento e cada olhar para a realidade ao redor (RODRIGUES, 2019a, p. 81).

Ao transcender a dinâmica meramente cognitiva, essa fé—ato toca o todo do ser: ela orienta a percepção, colore as emoções e pauta as escolhas concretas em relação a si mesmo, ao próximo, ao universo e a Deus. A aprendizagem significativa na fé, portanto, não se limita ao “saber sobre” Deus, mas convida o discípulo a “viver em” Deus, de tal forma que pensamento, afeto e ação caminhem sempre alinhados ao Evangelho (RODRIGUES, 2019a, p. 95).

O relato de Atos 8.26-40 ilustra magistralmente essa dinâmica. Ao ser conduzido pelo Espírito, Filipe parte da necessidade concreta do eunuco etíope — o desejo de entender as Escrituras — e, num diálogo íntimo à beira do caminho, promove uma experiência de ensino que une leitura bíblica, confissão de fé e batismo imediato. Nesse encontro, vemos a aprendizagem significativa em ação: a fé se faz pergunta viva, resposta profunda e compromisso prático, e o

eunuco parte “cheio de alegria” para anunciar a Boa Nova em seu próprio contexto cultural (At 8.39).

Além de integral e significativa, a formação do ser humano na fé não é um evento condensado, mas um percurso que se estende ao longo de toda a vida. Como observa Rodrigues (2019a, p. 58), “a aprendizagem na fé se realiza em um processo ininterrupto em que a pessoa, a cada etapa da vida, aprofunda seu relacionamento com Deus e a comunidade, amadurece em compreensão teológica e consolida em atitudes práticas a ética do Reino”. Cada fase da existência — infância, juventude, maturidade e velhice — exige novos olhares e aprofundamentos, tecendo leituras bíblicas, orações sinceras e práticas comunitárias que alimentam o desenvolvimento cognitivo, afetivo e atitudinal.

Não se cresce na fé de uma só vez, nem apenas no início da jornada cristã. O discipulado permanente, segundo Rodrigues, acontece quando se acolhe o chamado diário para aprofundar o relacionamento com Deus e, simultaneamente, testemunhar do amor de Cristo aos outros. Nesse movimento, ensinar passa a ser também aprender, pois cada experiência de vida — vitória ou dor — se converte em oportunidade de ajudar os irmãos a conhecer e vivenciar a presença de Deus de modo mais intenso e significativo. A aprendizagem contínua floresce quando as comunidades se tornam laboratórios de serviço, diálogo e cura mútua.

O autor de Hebreus adverte a mesma dinâmica: “Deixemos, pois, o princípio da doutrina de Cristo, e prossigamos até à maturidade” (Hebreus 6.1). E antes lamenta o estado de imaturidade cristã: “são ainda de leite, não aptos para carne sólida” (Hebreus 5.12). Essa exortação bíblica ilustra a urgência de avançar no conhecimento e na prática da fé, convidando cada discípulo a ultrapassar estágios elementares e a entrar em uma abertura permanente ao Espírito, testemunhando não só na teoria, mas na vida diária, o poder transformador de Cristo.

Para Rodrigues (2019b, p. 583-619), a aprendizagem na vida cristã envolve cognição, afetividade e atitude de forma inseparável, pois entender a verdade do Evangelho depende ao mesmo tempo do exercício intelectual, da maturação emocional e da formação de disposições éticas que orientem a prática diária.

Esse processo acontece quando a fé é vivida em testemunho concreto: o compartilhamento de histórias de redenção, a oração partilhada e o serviço ao próximo funcionam como convites

para conhecer e aprofundar a relação com Deus e com as outras pessoas, criando um ambiente em que cada gesto de amor se torna um instrumento de ensino e comunhão.

A aprendizagem cristã expressa-se em atitudes que revelam o crescimento interior de quem crê: gestos de perdão, posturas de justiça e adesão generosa aos vínculos comunitários denunciam não apenas informação acumulada, mas transformação de caráter. “Não é a fé que cresce, mas são as pessoas que amadurecem em atitudes que correspondem à esperança que confessam, atitudes concretas no viver diário” (RODRIGUES, 2019b, p. 584).

Tudo isso nasce do interior de cada pessoa, à medida que, em seu discipulado, descobre como a fé orienta suas escolhas cotidianas — no modo de encarar desafios, de valorizar relacionamentos e de conduzir seus propósitos. Esse movimento íntimo, perpassado pela ação do Espírito, mostra que aprender na fé é um caminho de autoconhecimento e de engajamento no Reino, que se prolonga em cada decisão e em cada novo dia de vida cristã.

Concluindo, conforme Rodrigues (2019a, p. 218), a educação cristã deve auxiliar as pessoas a desenvolver de forma harmônica suas dimensões biopsicossociais, morais, intelectuais e espirituais, enquanto adquirem gradualmente um senso de responsabilidade sobre a própria vida, aperfeiçoado com liberdade crescente. Esse percurso formativo prepara cada pessoa cristã para atuar ativamente no cenário social, abrindo-se ao diálogo sincero com as outras pessoas e cooperando pelo bem de toda a sociedade. Ao incentivar a prontidão para responder pela fé que confessam em pensamentos, palavras e atitudes, a educação cristã revela-se um poderoso agente de transformação pessoal e comunitária, capaz de encarnar o Evangelho em cada esfera da existência.

Considerações finais

A Educação Cristã perpassa a história da cristandade e chega à atualidade com propostas encarnadas no cenário desafiador de nosso século. A formação integral do ser humano tem suas raízes nos movimentos formativos iniciais dentro das primeiras comunidades cristãs. Assim, conhecer o processo do catecumenato pode resgatar as origens e inspirar atividades favoráveis a uma educação cristã que incorpora as necessidades e características da igreja e da sociedade atuais.

Ao longo da história, diferentes movimentos e igrejas foram organizando sua atuação educativa, por vezes convivendo com rupturas e discordâncias dentro das próprias igrejas, mas

mantendo alguma maneira de alimentar a sua continuidade pela educação. Desde o início da atuação dos jesuítas no Brasil e a vinda e organização de diferentes igrejas cristãs, o cenário social tem mobilizado a ação educativa das igrejas.

Enquanto movimento atual da educação cristã, ficam algumas prospecções a serem feitas e possibilidades a serem analisadas nas igrejas. Existe a reflexão sobre a estruturação das famílias quanto ao seu estilo de educar na fé cristã. As diferentes igrejas têm o desafio de equilibrar as variadas tendências educacionais em seu meio, procurando conhecer as motivações de acontecimentos específicos em sua história para construir um processo inclusivo de educação.

Novos desafios como a era digital, uma educação cristã lúdica e mobilizada por metodologias concernentes às necessidades atuais, e a busca de apoio em diferentes ciências como a psicologia, a sociologia e a antropologia podem dar consistência à formação cristã atual.

Há semelhanças e diferenças na formação cristã proposta dentro de cada identidade confessional. Mas algo comum persiste: as igrejas cristãs tentam preservar a história iniciada com Jesus, o Cristo que continua inspirando, alimentando e guiando o processo de Educação Cristã ao longo dos tempos.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ALMEIDA, Jane Soares de. O movimento missionário e educacional protestante na segunda metade do século XIX: para cada igreja uma escola. In: *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 80, p. 11, 2002. Disponível em: [SciELO Brasil](https://doi.org/10.1590/S0104-13022002000200001). Acesso em: 23 jul. 2025.

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Parte I, questão 1, artigo 8. Tradução de Alexandre Corrêa. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. 12. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1996.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. leitura político-teológica do Jesus histórico. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CALVINO, João. *Institutas da religião cristã*. Tradução de Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

FRANCKE, August Hermann. Apud KELLNER, Leonhard. *História da Pedagogia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

JAEGER, Werner. *Paideia: A formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KALMBACH, Pedro. Educação Cristã Contínua: sua fundamentação a partir do Batismo. In: MARTINI, Romeu Ruben. *Batismo e Educação Cristã*, por uma vivência diária da fé. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: o que é o Esclarecimento?* Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2003.

LUTERO, Martinho. Carta aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs. In: LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal, 1995, v. 3. p. 307.

MATOS, Alderi Souza de. *Breve história da educação cristã: dos primórdios ao século 20*. Revista Fides, v. 13, n. 2, São Paulo: CPAJ/Mackenzie, 2003. Disponível em: https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/1-Breve-hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-crist%C3%A3-dos-prim%C3%B3rdios-ao-s%C3%A9culo-20-Alder-Souza-de-Matos.pdf. Acesso em: 23 jul. 2025.

PADILLA, C. René. Rumo a uma hermenêutica contextual. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 24, n. 3, p. 313–319, 1984. Disponível em: [Estudos Teológicos – Faculdades EST](#). Acesso em: 23 jul. 2025.

RODRIGUES, Marilze Wischral. *Implicações da prática educativa cristã holística para a aprendizagem integral ao longo da vida*. Tese de Doutorado, Faculdades EST, São Leopoldo, 2019a.

RODRIGUES, Marilze Wischral. Processo de aprendizagem na fé: das possibilidades da aprendizagem aos resultados na vivência. In: *Vox Scripturae* – Revista Teológica Internacional – São Bento do Sul/SC – vol. XXVII – n. 3 – set.-dez. 2019b, p. 583-619.

SILVA, Levi Leonido Fernandes da; RODRIGUES, João; MORGADO, Elsa. A essência e finalidade da educação cristã Patrística. In: *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 20, n. 62, p. 1–20, 2023. Disponível em: [PUC Minas - Horizonte](#). Acesso em: 23 jul. 2025.